

## **GÊNERO E PIRATARIA: UMA REVISÃO DE ESTUDOS DE ABORDAGEM**

GÉNERO Y PIRATERÍA: UNA REVISIÓN DE LOS ESTUDIOS DE ENFOQUE

GÉNERO Y PIRATERÍA: UNA REVISIÓN DE LOS ESTUDIOS DE ENFOQUE

### **QUEIROZ, CAMILA ACOSTA**

Doutoranda em História no Programa de pós-graduação em história da UFRS. Professora de história no Colégio Militar de Santa Maria

E-mail: [camilaacosta1901@gmail.com](mailto:camilaacosta1901@gmail.com)

#### **RESUMO**

O objetivo deste artigo é apresentar uma revisão sistemática em torno das formas como a historiografia tem produzido discussões sobre gênero através da observação do fenômeno da pirataria moderna e vice-versa. Aqui entende-se como pirataria moderna o fenômeno da predação marítima no Atlântico entre os séculos XVI e XVIII. Embora trate-se de uma proposta que não constitui uma tradição historiográfica consolidada, trata-se de uma ótica tangenciada desde a década de 1980, com mudanças substanciais nas formas de compreensão, análise e tratamento documental. Assim, o artigo busca mapear os diferentes trabalhos que discutem gênero no fenômeno da pirataria moderna, compreender as formas como foram desenvolvidos e identificar continuidades e mudanças nas formas de análise. Por fim, discute-se o perfil dos trabalhos interessados nesse recorte temático e o papel da historiografia brasileira nessas produções.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero, Pirataria moderna, História atlântica, Historiografia.

#### **RESUMEN**

El objetivo de este artículo es presentar una revisión sistemática de las formas en que la historiografía ha producido debates sobre el género a través de la observación del fenómeno de la piratería moderna y viceversa. Por piratería moderna se entiende aquí el fenómeno de la depredación marítima en el Atlántico entre los siglos XVI y XVIII. Aunque se trata de una propuesta que no constituye una tradición historiográfica consolidada, ha sido una perspectiva tangencial desde la década de 1980, con cambios sustanciales en las formas de entender, analizar y tratar los documentos. El artículo busca, por lo tanto, mapear los diferentes trabajos que discuten el género en el fenómeno de la piratería moderna, comprender las formas en que fueron desarrollados e identificar continuidades y cambios en las formas de analizarlos. Finalmente, discute el perfil de los trabajos interesados en esta área temática y el papel de la historiografía brasileña en estas producciones.

PALABRAS CLAVES: Gender, Modern piracy, Atlantic history, Historiography.

#### **ABSTRACT**

The aim of this article is to present a systematic review of the ways in which historiography has produced discussions on gender through the observation of the phenomenon of modern piracy and vice versa. Modern piracy is understood here as the phenomenon of maritime predation in the Atlantic between the 16th and 18th centuries. Although this is a proposal that does not constitute a consolidated historiographical tradition, it is an approach that has been taken since the 1980s, with substantial changes in the ways of understanding, analyzing and treating documents. Thus, the article seeks to map the different works that discuss gender in the phenomenon of modern piracy, understand the ways in which they were developed and identify continuities and changes in the forms of analysis. Finally, it discusses the profile of the works interested in this thematic area and the role of Brazilian historiography in these productions.

KEYWORDS: Gender, Modern piracy, Atlantic history, Historiography.

## INTRODUÇÃO

Para além da construção e fortificação de suas instituições oficiais em terra, os impérios modernos foram caracterizados pela extensão de seus domínios através dos oceanos, sobretudo pelo Atlântico, por meio de suas ilhas e corredores de soberania no mar, conforme Lauren Benton (2010). O domínio desses espaços perpassou pelo conhecimento das rotas comerciais, marés e corredores de barlavento, que oportunizaram conexões marítimas mais ou menos eficientes do ponto de vista imperial. Por essa razão, as monarquias ibéricas, Holanda, Inglaterra, França e outros Estados mobilizaram suas forças marítimas por meio de disputas pelo conhecimento técnico de navegação e pelo domínio político e comercial do ultramar. Neste jogo, essas disputas não se limitaram às ações oficiais, corporificadas na figura de agentes dos impérios. A criminalidade, materializada por meio da predação marítima praticada por corsários e piratas, foi utilizada de maneira estratégica como recurso para minar os impérios inimigos.

Neste cenário, entre a segunda metade do século XVII e o início do século XVIII, grupos de piratas e bucaneiros que efervesceram pelo Atlântico diluíram progressivamente seus vínculos, antes estreitos, com uma coroa específica e passaram a agir em benefício próprio. Utilizando conhecimentos de navegação e legislação a seu favor, consolidaram o que hoje conhecemos como a Era de Ouro da Pirataria. Esses indivíduos, geralmente provenientes de classes subalternas, desenvolveram formas de organização e configurações culturais próprias, conceituadas por Linebaugh e Rediker (2008) como hidrarquia, o oposto complementar da força oficial institucional, o Estado marítimo. O ponto central dos autores em *A Hidra de muitas cabeças* (2008) é apresentar as ideias que circulavam pelo Atlântico inglês através de diferentes agentes, as quais, ao longo do tempo, deram origem a diferentes formatos de uma mesma classe trabalhadora multinacional, multiétnica e multicultural.

Sob essa perspectiva, os autores (2008, p. 157) argumentam que a pirataria moderna teve origem na oposição entre o Estado marítimo e a hidrarquia, isto é, entre o domínio imperial pelos oceanos e as atividades ilegais dos piratas, que agiam contra as coroas. Os grupos de piratas que circularam pelo Atlântico nos séculos XVII e XVIII, portanto, eram compostos majoritariamente por ex-trabalhadores das marinhas oficiais ou ex-corsários que se organizavam em benefício próprio, formando uma estrutura de organização particular. Dessa forma, unindo sua experiência em navegação com a coesão baseada em respeito, igualdade e afetividade, os trabalhadores marítimos passaram a se organizar em grupos independentes das coroas e a atuar nos oceanos de maneira ilegal diante das jurisdições imperiais.

Situamo-nos, portanto, em um período no qual os navios que partiam da Europa rumo à América e África circulavam por rotas marítimas mais ou menos estabelecidas em um sistema de produção e comércio que, incipientemente, conectava os continentes. O Atlântico, portanto, foi palco do fluxo de pessoas, produtos, costumes e ideias, a respeito dos quais se construiu – e constrói – o campo de conhecimento que David Armitage identificou como História Atlântica (2009). Isto é, o estudo dessas conexões entre continentes e as sínteses por elas produzidas. A interpretação de Linebaugh e Rediker, expressamente marxista thompsoniana, é intitulada por David Armitage (2014, p. 208) como “Atlântico Vermelho”, exemplificando as diferentes correntes interpretativas da história Atlântica desenvolvidas posteriormente ao clássico *The Black Atlantic* (1993) de Paul Gilroy.

Dentre os produtos e ideias que circularam pelo Atlântico, também se propagaram os costumes e as organizações sociais orientadas pelas relações de gênero, que se somaram à construção de relações e trocas entre os sujeitos. Como sugere Sarah M.S. Pearsall, observar outras facetas dessas conexões, para além da perspectiva das políticas institucionais ou internacionais, permite compreender a complexidade da História atlântica: “Em parte, há uma necessidade de tornar a História atlântica mais do que simplesmente a história do império em uma nova roupagem”<sup>i</sup> (PEARSALL, 2009, p. 151, tradução nossa). A autora ainda enfatiza que o gênero foi peça-chave não apenas para a formação do mundo atlântico britânico, mas também das derivações dessas conexões: “A adoção de uma abordagem atlântica para a história do gênero ilumina tanto a história do gênero quanto a história do mundo atlântico britânico” (PEARSALL, 2009, p. 153, tradução nossa)<sup>ii</sup>. Todavia, a produção historiográfica em torno das dinâmicas e disputas políticas e jurisdicionais que permeavam o atlântico moderno, com ênfase na pirataria e na predação marítima, raramente incluem debates em torno de questões de gênero. Assim, o próximo tópico se propõe a compreender a lógica de produção de conhecimento acadêmico em torno dessas questões.



## GÊNERO E PIRATARIA: A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO GENERIFICADO SOBRE A PIRATARIA MODERNA

Em “Gênero: uma categoria útil para análise histórica” (1995), como o título sugere, Joan Scott considera gênero como uma categoria de análise histórica. Assim, para a autora, devemos pensar gênero como um elemento estruturante de relações sociais baseado nas diferenças entre os sexos e que representa, sobretudo, uma relação de poder (SCOTT, 1995, P. 86). Para entender como as diferenças sexuais edificam a organização social, a autora propõe desconstruir a naturalização dos conceitos de homem e mulher e observá-los como ideias históricas, portanto, mutáveis (SCOTT, 1995, P. 86).

A ideia de gênero carrega consigo diferentes interpretações que buscam abordar as várias camadas envolvidas nas relações que ela abrange. Uma delas é a masculinidade, ou as masculinidades. No Atlântico moderno, o termo “homens do mar” tinha razão de ser: um fator que uniformiza aqueles que se arriscavam na pirataria era o fato de que eram homens. Daniel Garrido Calixto em sua tese de doutorado *Las ordenanzas de corso y el marco de actuación corsario* (2016) aponta que na Idade Moderna o pirata era um indivíduo que desenvolvia sua existência em um ambiente espacialmente alterado, sensível e sempre rodeado por mais homens (CALIXTO, 2016, p. 217). Peter Leeson, em *The Invisible Hook* (2009), faz uma afirmação um tanto exagerada de que os grupos piratas modernos eram “comunidades movidas pela testosterona” (LEESON, 2009, p. 174, tradução nossa).

Raewyn Connell (2000, p. 16-17) aponta que há dificuldades em conceituar masculinidade e que os usos do termo podem se centrar em noções simplificadas das relações de gênero. “Se queremos falar sobre homens, por que recorremos a um conceito tão difícil de definir, como o de masculinidade? Pergunta a pesquisadora (CONNELL, 2000, p. 17). Connell encontra uma boa resposta para essa questão. A autora argumenta que, ao abordar um grupo de homens, pressupõe-se a distinção em relação ao grupo de “mulheres”, uma vez que um define o outro por meio de uma relação dialética, inscrita, portanto, nas relações de gênero de uma determinada sociedade. Qualquer recurso conceitual que utilizemos acaba refletindo o movimento dos sujeitos na criação e manutenção dessas configurações, tanto em níveis materiais quanto discursivos. Abraçar o conceito de masculinidade significa nomear conjuntos de práticas que são orientadas pelas relações de gênero e socialmente categorizadas por elas. Como já se atenta o prefácio de *História da Virilidade* (2013), esta última é “histórica como ela é, inevitavelmente, antropológica” (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2013, p. 9).

Pesquisadores e pesquisadoras já se propuseram a relacionar gênero e pirataria moderna desde 1983, de maneiras bastante distintas. No entanto, essas produções são pontuais e ainda não constituem o que se pode chamar de tradição historiográfica. Esses trabalhos são incipientes e raramente dialogam com as produções teóricas em torno do gênero, desde a própria ideia de seu uso enquanto categoria analítica, seja discutindo teorias mais recentes, como a teoria queer. Por um lado, as barreiras para desenvolver esse tipo de pesquisa são características dos estudos historiográficos que abordam temáticas pouco populares. Por outro lado, cria-se a oportunidade de contribuir para a construção de conhecimento histórico em torno dessa proposta interpretativa. As próximas páginas são dedicadas a apresentar um levantamento desses trabalhos e uma análise em relação a forma como esse conhecimento foi produzido. Embora se trate de poucas produções, é possível observar padrões nos trabalhos produzidos e em suas formas de abordagem. A partir desses critérios, identifiquei cinco diferentes tipos de produções, que nomeei aqui como trabalhos precursores, paralelos, revisores, direcionadores e práticos.

### PRECURSORES

Em 1983, Barry Richard Burg, na época professor de história da Arizona State University, publicou pela primeira vez a obra que abriu portas para considerar que a sexualidade e o gênero eram elementos que faziam parte da vida dos sujeitos envolvidos no fenômeno da pirataria moderna. *Sodomy and the Pirate Tradition: English Sea Rovers in the Seventeenth-Century Caribbean*, editada e publicada pela New York University Press, surgiu a partir do contato de Burg com a produção de Alfred Kinsey (1948), cujo trabalho investigava os comportamentos sexuais de homens em ambientes de socialização homosociais logo após a II Guerra, além de seu interesse de estudo pela pirataria, através da obra de Exquemelin (1678). Por seu caráter precursor, o trabalho de Burg deve ser encarado dentro de sua relevância para o debate. Entretanto, é necessário colocá-lo em perspectiva ao cenário político que envolveu sua produção e a forma como foram construídas suas análises, a fim de usar esse trabalho mais como um ponto de partida do que uma obra com fim em si mesma.

*Sodomy* é dividida em quatro capítulos. No primeiro, Burg apresenta um panorama em torno da relação da sociedade e as legislações da Inglaterra no período da dinastia Stuart com questões que envolviam sodomia. A premissa subjacente a



toda a obra é a de que comportamentos homossexuais alternativos serão uma marca em sociedades nas quais os comportamentos homossexuais são percebidos de formas variadas e encarados pela sociedade de maneiras diferentes. Burg afirma isso a partir de análises tanto de legislações estipuladas no período da dinastia Stuart quanto de casos de julgamentos de pessoas condenadas por sodomia (BURG, 1995, P. 41). Sob essa lógica, Burg observa diferentes relações de mais ou menos tolerância em relação a sodomia. Burg argumenta que é possível observar o fenômeno da sodomia na pirataria a partir da chamada perspectiva da reação social (BURG, 1995, P. 41), uma abordagem metodológica característica dos estudos da psicologia, para a qual Burg se baseia em pesquisadores como Kenneth Plummer (1975), Edwin M. Schur (1971) e John I. Kitsuse (1961). Ou seja, para traçar uma análise histórica e social, Burg utiliza recursos que se localizam muito mais no campo da psicologia do que da história ou ciências sociais. A obra oferece análises de relatos de viajantes que circularam pelo Caribe inglês na segunda metade do século XVII e apresenta o que Burg caracteriza como “atitudes tolerantes em relação ao comportamento homossexual” (BURG, 1995, P. 41. Tradução nossa)<sup>iii</sup>. Isto é, ele observa as relações sociedade da metrópole inglesa com a sodomia e busca sinais dessas relações em suas colônias na América.

Ao longo da obra, Burg constrói pontes entre a homosociabilidade característica dos grupos piratas e aquela característica das comunidades carcerárias. De acordo com o raciocínio de Burg, ambas comunidades compartilham de possibilidades de relações sexuais semelhantes: “A masturbação solitária, fantasias, sonhos sexuais noturnos e contato sexual com membros do mesmo sexo são suas alternativas” (Burg, 1995, P. 108. Tradução nossa)<sup>iv</sup>.

A lógica de Burg é bastante evidente e assertiva. Usando a abordagem que relaciona prisões e navios, a obra assume que na medida em que a ordem de custódia nas prisões é reduzida, a atividade sexual aumenta. Neste contexto, Burg trata ora de condenações da Inglaterra dos setecentos, ora de prisões contemporâneas. Seguindo seu raciocínio, uma vez que mais isolamento é sinônimo de maior contato homossexual, Burg assume que as relações homossexuais eram inerentes aos grupos piratas, por se tratarem de comunidades isoladas em alto mar. Isto é, uma vez que as atividades sexuais não-solitárias disponíveis aos piratas e encarcerados eram tão somente as homossexuais – no raciocínio de Burg –, a resposta lógica é que nessas comunidades, portanto, todas as relações são inerentemente homossexuais ((Burg, 1995, P. 108-111). Conforme Burg:

A relação entre homens com preferências homossexuais e homens que participavam de condutas homossexuais na ausência de oportunidades para compromissos heterossexuais ou por insatisfação com as alternativas solitárias ou não sexuais disponíveis, exerceu influência considerável nas taxas de contato homossexual. (BURG, 1983, P. 111. Tradução nossa)<sup>v</sup>

Burg traça uma análise quase psicológica dos piratas e assume que um suposto tédio na vida em alto mar aumentava a possibilidade de relações homoeróticas em razão da falta de diversões alternativas (BURG, 1983, P. 109-110). Mas não apenas o cotidiano tedioso teria influenciado tais contatos, o consumo de álcool e o clima caribenho, no raciocínio de apresentado, também pode ter levado a situações propícias ao contato sexual (BURG, 1983, P. 110).

Observar Sodomy em perspectiva com seu contexto de produção permite compreender as intenções de Burg com a obra. Sodomy foi escrita nos Estados Unidos da década de 1970, um período chave para a luta pelos direitos da comunidade gay – que décadas depois seria incorporada a sigla contemporânea LGBTQIAP+ –, além disso, os debates em torno das perspectivas feministas também fervilhavam nas academias. Burg, a partir de sua posição como pesquisador das humanidades nesse período, se inseriu nos debates em voga e trouxe sua contribuição. No prefácio da segunda edição de Sodomy (1995), podemos observar essa relação entre academia e sociedade que marca a obra. Burg identifica que no período de produção da primeira edição de Sodomy a pesquisa historiográfica em torno de gênero e sexualidades, sobretudo homossexualidade, ainda estava dando seus primeiros passos. Burg atribui isso a dois fatores, primeiro à uma suposta falta de documentações que tratassem desses grupos subalternos, e em segundo lugar, um desencorajamento, por parte dos acadêmicos, para construir pesquisas sobre temáticas do tipo. Conforme indica Burg:

Ao contrário dos acadêmicos de outras disciplinas que investigaram assuntos homoeróticos, no entanto, os historiadores pareciam ter pouco com que trabalhar. Enquanto antropólogos, sociólogos, psicólogos e estudiosos da literatura tiveram seu trabalho de campo, investigações clínicas ou textos, a natureza oculta da homossexualidade durante grande parte do passado aparentemente deixou os historiadores desprovidos de fontes. A pesquisa sobre homossexualidade também foi desencorajada por estudiosos



seniores que aconselharam seus alunos que escrever sobre um fenômeno tão bizarro poderia condenar suas perspectivas futuras. (BURG, 1995, P. XVII. Tradução nossa)<sup>vi</sup>

E segue:

O desejo da maioria dos historiadores de localizar e contextualizar a homossexualidade dentro do âmbito da experiência humana comum foi, em parte, responsável pela relutância. Do ponto de vista dos historiadores, parecia que as interações homoeróticas de todos os homens condenados e das populações de asilo eram melhor deixadas como reserva exclusiva dos sociólogos. Além disso, a concentração em populações criminosas ou patológicas era incompatível com o foco esperado dos estudiosos "gays afirmativos" que tinham chegado a dominar a história do homoerotismo. (BURG, 1995, P. XXI. Tradução nossa)<sup>vii</sup>.

Por se posicionar contrário tanto aos acadêmicos que não assumiam a relevância desses debates quanto às tradições historiográficas que não consideravam tais questões, sobretudo a escola metódica, Burg não apresenta seu trabalho como história. Indica que seu objetivo com *Sodomy* não era reconstruir um fragmento do passado, mas sim “descobrir a coerência em um pequeno segmento da sociedade humana, o grupo masculino estritamente definido” (BURG, 1995, P. XL. Tradução nossa)<sup>viii</sup>. Isto é, depois de construir uma perspectiva em torno de como os piratas lidavam com a sexualidade e possíveis práticas em torno disso, Burg diz que, por se basear mais em teorias da psicologia e sociologia que na hermenêutica historiográfica em si, ele utiliza o passado, mas não lida com ele (BURG, 1995, P. XLI).

Apesar das críticas e propostas de Burg, foi somente em 1999 que nasceu outro trabalho que propôs observar a pirataria a partir da ótica do gênero. *Rum, Sodomy and the Lash* também foi publicada pela New York University Press, com autoria do pesquisador estadunidense Hans Turley e cujo recorte abrange a Inglaterra e o Atlântico Inglês dos séculos XVII e XVIII. Embora os estudos de gênero na historiografia já tivessem avançado consideravelmente em relação aos anos 70 – Joan Scott publicou *Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history* em 1989, por exemplo – *Rum* entra em cena ainda durante esse período de autoafirmação desses estudos, semelhante a proposta de *Sodomy*. Por essa razão a obra é definida pelo autor como uma história não tradicional, alternativa (TURLEY, 1999, P. 5).

O trabalho de Turley foi influenciado, em grande parte, pelo ensaio de Christopher Hill, *Radical Pirates?* (1986). Neste texto, Hill encara os piratas da idade moderna como dissidentes tanto economicamente quanto em relação aos costumes cristãos. Turley, propõe que além dessas dissidências, as comunidades de piratas e bucaneiros da região do Atlântico eram também transgressoras sexuais frente aos padrões ingleses.

O objetivo de Turley é menos reconstruir as relações de gênero na pirataria moderna que compreender a construção e repercussão de uma imagem, segundo ele, erotizada e heroizada dos piratas ao longo dos séculos que sucederam a era dourada da pirataria (TURLEY, 1999, P. 22). Para isso, o autor se atenta aos modos como a história e a ficção se fundiram na representação do pirata no início do século XVIII e ao longo dos últimos três séculos. Turley discorda tanto do que Burg propõe em *Sodomy* (1983) quanto do que aponta Marcus Rediker em *Between Devil and the Deep Blue Sea* (1987), e propõe compreender os piratas do século XVII e XVIII como sujeitos simultaneamente desviantes econômica, cultural e sexualmente e cujos desvios foram retratados na literatura posterior, que, por sua vez, fundiu ficção e realidade e construiu uma figura nova.

Sob essa perspectiva, o autor indica que o objetivo de *Rum* é duplo: analisar as formas como a literatura do século XVIII retratou os piratas do período e como essa imagem repercutiu de maneira a se associar a uma imagem de criminoso e o anti-herói romantizado nos séculos seguintes (TURLEY, 1999, P. 17). Assim, a grande tese da obra se ancora na ideia de que os piratas retratados na literatura, especificamente em *Robinson Crusoe* (1719), *Captain Singleton* (1720) e *General History of the Pirates* (1724), são descritos como anti-heróis, transgressores culturais e econômicos e hiper-masculinos. (TURLEY, 199, P. 15-16)<sup>ix</sup>.

Turley apresenta um panorama sobre como a vida no mar foi retratada pela literatura e pelos panfletos do início do século XVIII, assim como as formas como essas perspectivas foram recebidas pelos leitores do período. Turley articula a tese de seu trabalho através do conceito de *piratical subject*. Conforme o autor:



O "piratical subject" é meu termo para a fusão do pirata legalmente definido – *hostis humani generis* ou *homo economicus*– e do pirata culturalmente reverenciado, um sujeito hipermasculino, transgressivo, desejoso. Através de representações históricas e fictícias do pirata, estas duas representações se fundiram no anti-herói - o piratical subject - amado por gerações de leitores. (TURLEY, 1999, P. 24, Tradução nossa)<sup>x</sup>.

Para desenvolver essa ideia, Turley (1999) usa recursos semelhantes aos de Burg (1983). Ambos autores apresentam uma abordagem semelhante para observar a sexualidade e o gênero na pirataria moderna, que aqui chamo de perspectiva do mimetismo terra-mar. Ambos recorreram a vínculos entre as comunidades piratas em alto mar e algum outro grupo social em terra, identificaram uma determinada forma nesse último e tentaram observar essa forma na pirataria sem critérios teórico-metodológicos. Enquanto observamos isso em Burg com os piratas e a população carcerária, que sequer inclui um recorte temporal, é possível observar em Turley em relação aos piratas e aos sodomitas na Inglaterra do século XVIII. De acordo com o autor, conforme o pirata era um indivíduo definido pelo seu desejo antinatural de viver e de desfrutar em um mundo homosocial violento e transgressivo, o sodomita, por sua vez, também era definido por desejos não naturais, mas essencialmente sexuais. Evidentemente, Turley extrapola as definições de pirata como aquele que comete crimes em alto-mar, uma definição profundamente circunstancial para a idade moderna, e adentra outros campos para construir sua definição de pirataria.

Ao tempo que identificamos isso em Burg com os piratas e a população carcerária, que sequer inclui um recorte temporal, é possível observar em Turley em relação aos piratas e os sodomitas na Inglaterra do século XVIII. De acordo com o autor, conforme o pirata era um indivíduo definido pelo seu desejo antinatural de viver e de gozar em um mundo homosocial violento e transgressivo, o sodomita, por sua vez, também era definido por desejos não naturais, mas essencialmente sexuais. Evidentemente, Turley extrapola as definições de pirata como aquele que comete crimes em alto-mar, uma definição profundamente circunstancial para a idade moderna, e adentra outros campos para construir sua definição de pirataria. De acordo com o autor:

Esta representação paradoxal da identidade pirata pode iluminar nossa compreensão do sodomita do início do século XVIII. Tanto o pirata quanto o sodomita são, em certo sentido, fora-da-lei. Entretanto, o sodomita é um membro da sociedade - não como o pirata, que se autoconscientemente se retira da sociedade. O sodomita realiza suas transgressões em segredo, com medo de ser descoberto e arruinado ou, pior ainda, condenado e executado. O sodomita é o criminoso sexual feminino, efeminado. O barba negra também é um criminoso, mas seus crimes são explicitamente econômicos. Na superfície, a sexualidade do Barba Negra é retratada como excessivamente masculina. Sua hipermasculinidade impede qualquer suspeita de que ele possa se entregar à sodomia. (TURLEY, 1999. P. 19-20. Tradução nossa)<sup>xi</sup>.

Ou seja, na tentativa de afirmar gênero e pirataria como objetos de estudo válidos, ambos recorreram a aproximações com grupos que tivessem alguma característica em comum com os grupos piratas e que dispusessem de um grau maior de documentação e, através da análise desse primeiro grupo, replicaram tais padrões, em maior ou menor grau, para a pirataria. Neste perfil de raciocínio, trata-se de replicar forma: uma vez que o sodomita é culturalmente transgressor, o pirata, culturalmente transgressor, também será um sodomita. Uma vez que as populações carcerárias homosociais apresentam taxas de relações homossexuais, os piratas, comunidades homosociais, também apresentarão relações homossexuais.

Ambos autores apresentaram propostas semelhantes e enriquecedoras: a ideia de que grupos piratas transgrediram as normas sociais e desenvolveram formas de socialização particulares não apenas em termos de jurisdição, mas em diferentes esferas, sobretudo a de gênero<sup>xii</sup>. Todavia, nem Burg nem Turley definiram estudos comparativos como objetivos de seus trabalhos. Portanto, construir conhecimento em torno de gênero e pirataria como uma espécie de satélite de outros recortes temporais, geográficos e temáticos, além de restringir a produção de conhecimento em torno do tema, pode apontar para direções equivocadas e limitadoras. Apesar das problemáticas de tais abordagens, ambos trabalhos representaram obras reconhecidas entre historiadores da pirataria moderna e reverberaram de maneiras diferentes, tornando-se peças chave para adentrar na temática de gênero na pirataria.



## PARALELOS

Além do avanço nos estudos de gênero nas últimas três décadas, os estudos sobre pirataria avançaram em paralelo, resultando em uma diversidade de livros, teses e dissertações que observaram esse fenômeno por meio de diferentes perspectivas e em diferentes escalas, ora mais panorâmicas, ora mais pontuais. Em obras com esse viés panorâmico, muitas vezes existe um pequeno espaço, um subcapítulo ou um tópico dentro de um subcapítulo, destinado a gênero e pirataria. Por essa razão, considero esses trabalhos como paralelos. Entre essas obras estão: *Chocolate, piratas e outros malandros* (1999), *The Many-Headed Hydra: Sailors, Slaves, Commoners, and the Hidden History of the Revolutionary Atlantic* (2000), *Villains of All Nations* (2004), *The Invisible Hook: The Hidden Economics of Pirates* (2009), *The Sea: A Cultural History* (2011), *Pirate Nests and the Rise of the British Empire, 1570-1740* (2015) e *Pillaging the Empire: Global Piracy on the High Seas, 1500-1750* (2016).

Os conteúdos desses textos, via de regra, não constituem análises historiográficas em torno das relações de gênero na pirataria. Seu conteúdo se volta muito mais para mencionar rapidamente e de forma geral a existência das relações de *matelotage*<sup>xiii</sup> e a presença das mulheres piratas Anne Bonny e Mary Read, quando muito, narram suas trajetórias. As relações entre gênero e pirataria, nesses trabalhos, são abordadas de maneira acessória, sobretudo em função dos objetivos panorâmicos de seus autores. Essa abordagem, por um lado, não apresenta grandes avanços em termos de análises sobre as temáticas. No entanto, por outro lado, indica a relevância dessas questões para compreender as formas como as comunidades piratas modernas se organizavam. É importante destacar que a produção historiográfica sobre pirataria, especialmente a internacional, com ênfase na academia anglófona, já produziu e continua produzindo diferentes obras sobre o tema. Obras coletivas, trabalhos de síntese e grandes estudos panorâmicos cumprem essa tendência ao abordar gênero e pirataria pontualmente. Dentro dos meus limites como pesquisadora, não tive acesso a todas as produções recentes sobre pirataria para além das obras supracitadas e das demais produções mencionadas neste trabalho. Isso se dá por razões diversas, portanto é bastante provável e bem-vindo que pesquisas futuras dedicadas a essa temática acrescentem outras obras e perspectivas, o que contribuirá para avançar nesses debates.

## REVISORES

Um conjunto de três resenhas forma o bloco de trabalhos que intitulo como revisores, aqueles cujas perspectivas agregam aos trabalhos dos autores precursores supracitados. Como os autores dessas revisões não têm gênero e pirataria como suas temáticas de pesquisa centrais, trata-se de reflexões paralelas às quais os autores e a autora se dedicam em seus trabalhos principais. Ao contrário dos trabalhos classificados no grupo anterior, estes se diferenciam relativamente entre si.

Em 1985, Luiz Mott publicou pela *Nieuwe West-Indische Gids/New West Indian Guide* uma resenha da obra de Burg intitulada *Reviewed Work: Sodomy and the Pirate Tradition: English Sea Rovers in the Seventeenth-Century Caribbean* by B.R. Burg. Além de apresentar a obra rapidamente, Mott (1985, p. 264-265) identifica imediatamente a grande problemática da obra de Burg: as lacunas documentais e os anacronismos em relação à bibliografia. Nessa perspectiva, Mott sustenta que o maior avanço de Sodomy foi partir da premissa de que a homossexualidade é fruto de um conjunto de diferentes e complexos fatores, e que a historiografia, assim como as demais ciências, não deve encarar esse tipo de relação como uma patologia inerente aos sodomitas do passado ou aos gays contemporâneos, mas como uma “variante de expressão sexual inerente ao comportamento humano normal” (MOTT, 1995, p. 265, tradução nossa)<sup>xiv</sup>.

Em relação ao trabalho de Turley, foram produzidas três resenhas com maior alcance: uma publicada em 2000 por Kris Lane, outra em 2001 por Marcus Rediker, e outra em 2012 por Kathryn R. King<sup>xv</sup>. Rediker identifica as lacunas na documentação características de Rum e inicia seu texto com críticas contundentes<sup>xvi</sup>. O autor finaliza sua revisão indicando que Rum é uma obra que explora temáticas com grandes potenciais de pesquisa. Kris Lane aponta uma qualidade dupla em Rum: por usar fontes literárias, o trabalho de Turley pôde indicar direcionamentos e possibilidades tanto para pesquisadores do campo da história quanto do campo da literatura. Lane, que encara a pirataria como um fenômeno global na Idade Moderna, critica o anglocentrismo de Turley, que interpreta as configurações da pirataria inglesa como regra para as demais. Por fim, o texto de King faz parte da introdução ao volume que homenageou Turley, e indica a relevância do trabalho ao rejeitar dicotomias entre pirata masculino e sodomita efeminado, propondo interpretar como a literatura construiu uma imagem ambivalente da figura do pirata moderno. É importante notar que Lane e Rediker são autores especializados na pesquisa sobre pirataria. Suas obras *Pillaging the Empire: Global Piracy on*



the High Seas, 1500-1750 (2016) do primeiro autor, e *Between Devil and the Deep Blue Sea* (1987) e *Villains of All Nations* (2004) do segundo, marcaram a forma de pensar a pirataria moderna e a vida no mar. A existência das resenhas de Lane e Rediker atesta que a temática recebe atenção dos autores especializados em pirataria e, mesmo que de forma parcial, se insere em suas perspectivas de entendimento do fenômeno.

## DIRECIONADORES

Os trabalhos de Laura Rosenthal (2012) e Claire Jowitt (2004) são aqui classificados como direcionadores em razão de que eles não apenas analisam os trabalhos sobre gênero e pirataria já produzidos, como fazem os autores das resenhas, mas seu objetivo é identificar um panorama sobre esse objeto e indicar caminhos para as pesquisas em torno dele. Semelhante aos revisores, os textos em questão tratam de temáticas paralelas às principais linhas de pesquisa das autoras.

Em 2004, Jowitt publicou 'Parrots and Pieces of Eight': Recent trends in pirate studies, artigo no qual propõe apresentar uma espécie de "estado da arte" anglófono em torno dos estudos culturais na pirataria. Semelhante ao trabalho de Turley, a autora também identifica que a raiz das interpretações de piratas como transgressores culturais se localiza no ensaio de Christopher Hill (1986). Além disso, considera os trabalhos de Burg e Turley como obras que ampliaram o alcance do trabalho de Hill até a esfera do gênero. A autora então passa a indicar as maneiras como piratas foram retratados na literatura, desde Exquemelin até Shakespeare, de maneira que "[...] a pirataria era endêmica à cultura renascentista: como tempestades e ventos, era um dos perigos do mar" (JOWITT, 2004, P. 8. Tradução nossa)<sup>xvii</sup>. A autora indica que, para além dos estudos envolvendo literatura, as pesquisas que observaram as formações dos impérios da idade moderna a partir da perspectiva da pirataria também ganharam relevância na academia anglófona. Nessa linha, de acordo com Jowitt, conforme os estudos envolvendo as construções das identidades na idade moderna crescem, também se observa uma margem cada vez maior para estudos que envolvam identidade, gênero e pirataria na idade moderna.

Em 2012, Laura Rosenthal publicou *Cultural Studies and Pirate Studies: Straight on 'til Morning* no volume da *Literature Compass* dedicado à memória de Hans Turley. Rosenthal diagnosticou diferentes ataques aos estudos culturais na academia anglófona e uma alta taxa de abandono nos cursos de humanidades no período. Como solução, a autora propõe visitar e trazer à tona assuntos como aqueles abordados por Turley<sup>xviii</sup>. Rosenthal indica que "Os estudos culturais abriram a possibilidade de explorar objetos antes negligenciados e, em muitos casos, desprezados. Turley foi um dos pioneiros deste tipo de trabalho em estudos do século XVIII, uma decisão que lhe trouxe sucesso, mas também alguns desafios" (ROSENTHAL, 2012, P. 384-385. Tradução nossa.)<sup>xix</sup> Rosenthal indica, portanto, que o que ela define como *pirate studies*, sugere diferentes maneiras de compreender os significados de elementos culturais nas próprias sociedades em que estavam inseridos ou eram excluídos deliberadamente. Ou seja, a autora está interessada muito mais no objeto que Turley propõe, sexualidade e gênero na pirataria, do que no estudo que ele desenvolve em si.

Semelhante aos revisores, os textos em questão tratam de temáticas paralelas às principais linhas de pesquisa das autoras. Ambos os trabalhos respondem muito menos a problemas de pesquisa sobre pirataria e gênero do que aos debates em voga no momento de sua produção envolvendo a academia de humanidades anglófona e os estudos culturais.

## PRÁTICOS

Por último, classifico os trabalhos de Erin Mackie (2009), Sarah Chrysler (2013) e Nicole Keegan (2021) como práticos, isto é, eles encaram a tarefa de produzir análises que colocam gênero e pirataria de maneira central em suas pesquisas. *Fight Like a Man or be Hang'd Like a Dog: Gender, Class, and Material Culture During the Golden Age of Piracy* (2013) de Chrysler tem como foco as mulheres piratas Anne Bonny e Mary Read. A autora busca analisar as diferenças entre elas e como ambas foram compreendidas pela sociedade inglesa do período. Através disso, a autora consegue perceber nuances das relações de gênero e classe na Inglaterra do século XVIII. Chrysler propõe compreender a trajetória de vida das piratas além da ideia de amantes ou vítimas, e sim como agentes das dinâmicas políticas que se desenhavam na Idade Moderna. A autora compreende que as piratas desempenharam e representaram características que poderiam ser atribuídas tanto à figura masculina quanto à feminina. No entanto, apesar de todas as exceções, Bonny e Read eram mulheres comuns da época, cujas trajetórias peculiares foram moldadas por ambições completamente comuns para as classes subalternas do século XVIII: bens, oportunidades e uma vida razoável.



Em *Rakes, Highwaymen, and Pirates: The Making of the Modern Gentleman in the Eighteenth Century* (2009), Mackie se atenta ao desenvolvimento da autoridade masculina na Idade Moderna inglesa, baseada na hierarquia de gênero que culmina no poder patriarcal e em concepções específicas de honra, virtude, boas maneiras, entre outras convenções. A singularidade do trabalho da autora é que seu objeto de estudo se concentra não nas figuras com poder hegemônico, mas naqueles considerados moralmente transgressores, como os libertinos e os piratas. Mackie identifica que o surgimento da masculinidade moderna na Inglaterra e as negociações culturais que a acompanharam foram construídas tanto por sujeitos que agiram dentro da normatividade quanto por dissidentes.

Por fim, *Men and Matelotage: Sexuality and Same-Sex Relationships within Homosocial Structures in the Golden Age of Piracy, 1640-1720* (2021) de Keegan, é um dos trabalhos mais recentes que abordam gênero e pirataria até a escrita deste texto. A autora se atenta às relações de matelotage nos meios sociais dos navios piratas e, para isso, faz uso tanto da literatura quanto de processos judiciais, ambos remetentes à Inglaterra do século XVIII. Keegan busca definir os contornos dos vínculos e relacionamentos entre homens dentro da estrutura homosocial do navio pirata, contrapondo a ideia de Burg (1983) de que essas relações eram inerentemente sexuais. Sua tese é de que as relações sexuais entre homens marinheiros foram relegadas a uma subcultura da sexualidade pirata. Keegan (2021) acredita que isso ocorre como fruto de uma continuidade entre as relações sociais em terra e no mar, mas não de maneira mimética. Ou seja, na medida em que legislações inglesas que criminalizavam a homossexualidade e a sodomia se estendiam até suas colônias na América, Keegan observa uma continuidade da intolerância culturalmente promulgada também naqueles que “viraram suas costas” para o Império.

Diante disso, essa classificação evidencia a diversidade de abordagens sobre gênero e pirataria moderna, destacando avanços e lacunas no campo. Enquanto os precursores abriram caminhos pioneiros, os paralelos trataram o tema de forma acessória, e os revisores contribuíram com críticas e reflexões pontuais. Os direcionadores mapearam o estado da arte e sugeriram direções futuras, enquanto os estudos práticos trouxeram análises mais aprofundadas e metodologicamente robustas. Essa diversidade reflete um campo em construção, que carece de maior articulação entre as abordagens. Para consolidar essa área de estudos, é essencial superar fragmentações, integrando profundidade analítica e interdisciplinaridade, e avançar em pesquisas que centralizem gênero e pirataria em suas investigações.

## DIRECIONAMENTOS FINAIS

A presente revisão sistemática destaca as contribuições e limitações da produção historiográfica acerca da interseção entre gênero e pirataria moderna, enfatizando como esse tema foi tangenciado por abordagens teóricas e metodológicas desde a década de 1980. Identificou-se que, apesar de não constituir uma tradição consolidada, a análise de gênero como categoria central possibilita uma compreensão mais abrangente das dinâmicas sociais que emergiam no atlântico moderno. Trabalhos pioneiros, como os de Burg e Turley, abriram caminhos importantes, mas também apresentaram lacunas que motivaram críticas posteriores e novas abordagens. A análise de diferentes perspectivas – de precursores a estudos mais recentes – revela padrões recorrentes, como a dificuldade em superar leituras miméticas e as limitações impostas por um corpus documental fragmentado. Ao mesmo tempo, a crescente atenção a questões de masculinidades e a ampliação dos estudos sobre gênero na historiografia global oferecem oportunidades para um avanço interpretativo.

No Brasil, a escassez de trabalhos específicos sobre gênero e pirataria reflete tanto a dificuldade em acessar e integrar a vasta bibliografia internacional quanto a necessidade de fortalecer estudos marítimos e atlânticos sob novas perspectivas teóricas. A historiografia nacional, apesar de consolidada em outros campos, ainda aborda questões de gênero de maneira limitada quando relacionadas a história atlântica e os estudos sobre predação marítima. Isso cria um cenário de grandes possibilidades para pesquisadores interessados em explorar as complexas relações de gênero, sexualidade e masculinidades no contexto atlântico, alinhando-se aos avanços globais e contribuindo para a construção de uma historiografia brasileira mais diversa e conectada a debates contemporâneos.

Dada a natureza ainda pioneira desses estudos, os direcionamentos futuros devem buscar integrar análises de gênero às abordagens historiográficas já consolidadas no Brasil, explorando as formas como as relações sociais no mar dialogam com os contextos culturais e políticos em terra. A ampliação desse campo de pesquisa não apenas enriquecerá a historiografia nacional, mas também permitirá contribuir de forma original para os debates globais sobre os vínculos entre gênero e organização social em comunidades.



## REFERÊNCIAS

- ARMITAGE, David. “Três conceitos de história atlântica”. *História Unisinos*, v. 18, n. 2, 2014. p. 206-217.
- BAJATTA, Andrés Ulpiano Alba. *El Pirata Imaginario: Charles Johnson Y La Representación Histórica De La Piratería*. Dissertação de mestrado em História. Centro de Investigación y Docencia Económicas - CIDE. Cidade do México, 2018.
- BENTON, Lauren. *A Search for Sovereignty: Law and Geography in European Empires, 1400 – 1900*. New York: Cambridge University Press, 2010.
- BLAKEMORE, Richard. Thinking outside the gundeck: maritime history, the royal navy and the outbreak of British civil war, 1625-1642. *Historical Research*, v. 87, n. 236. p. 251-274. Maio, 2014. Disponível em Blakemore Thinking Outside the Gundeck.pdf (reading.ac.uk). Acesso em 28 de out 2023.
- BURG, B. R.; BURG, B. R. *Sodomy and the pirate tradition: English sea rovers in the seventeenth-century Caribbean*. 2ª Ed. New York: New York University Press, 1995.
- CALIXTO, Daniel Garrido. *LAS ORDENANZAS DE CORSO Y EL MARCO DE ACTUACIÓN CORSARIO*. Tese de Doutorado, Universidad Carlos III de Madrid, Madrid, 2016.
- CHRYSTLER, Sarah Jeanne. *Fight Like a Man or be Hang'd Like a Dog: Gender, Class, and Material Culture During the Golden Age of Piracy*. History and Archaeology, Wesleyan University, Middletown, 2013.
- CONNEL, Raewyn. *Masculinities*. 2ª Ed. Los Angeles: Califórnia Press, 2005.
- CONNEL, Raewyn. *The men and the boys*. 1ª Ed. Sidney: Allen & Unwin, 2000.
- COSTA, Nicássio Martins da. *Navegando em águas perigosas: A abordagem literária e a construção de estereótipos dos piratas caribenhos do Setecentos*. Dissertação de mestrado em História. Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. São Leopoldo, 2016.
- FARGE, Arlette. Virilidades populares. In: CORBIN, Alain; COURDINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs). *História da virilidade*. (1. A invenção da virilidade, da antiguidade às Luzes). Petrópolis: Ed: Vozes, 2013. P. 495-523.
- FOX, Edward Theophilus. “‘Piratical Schemes and Contracts’: Pirate Articles and Their Society 1660-1730”. Tese de doutorado em Philosophy in Maritime History. University of Exeter. Londres, 2013.
- GINZBURG, Carlo; TEDESCHI, John; TEDESCHI, Anne C. *Microhistory: Two or three-things that I know about it*. *Critical Inquiry*, v. 20, n. 1, p. 10-35, 1993.
- HILL, Christopher. *O mundo de ponta-cabeça: Ideias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640*. Trad. Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- HILL, Christopher. ‘Radical Pirates?’. In. *Collected Essays*, vol. 3. Amherst: University of Massachusetts Press, 1986. pp. 161–187.
- JOWITT, Claire. ‘Parrots and Pieces of Eight’: Recent trends in pirate studies. *Literature Compass*, v. 1, n. 1, p. 1-23, 2004.
- KEENAN, Nicole. *Men and Matelotage: Sexuality and Same-Sex Relationships within Homosocial Structures in the Golden Age of Piracy, 1640-1720*. Loyola Marymount University, 2021. Disponível em: <https://digitalcommons.lmu.edu/ultra/awards/2021/2>.
- KING, Kathryn R. Introduction: Hans Turley, Queer Studies, and the Open-Hatched Eighteenth Century. *The Eighteenth Century*, v. 53, n. 3, p. 265–272, 2012.
- LANE, Kris E. *Pillaging the empire: global piracy on the high seas, 1500-1750*. 2ª ed. [rev. and expand.]. New York: Routledge, 2016.
- LEESON, Peter. Equal prey for equal pay: the economics of pirate tolerance. In: *The Invisible Hook: The Hidden Economics of Pirates*. 1ª Ed. New Jersey. Princeton University Press, 2009. P. 156-176.



- LINEBAUGH, Peter; REDIKER, Marcus. A hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- MACK, John. Ships as societies. In: *The Sea: A Cultural History*. 1ª Ed. Londres: Reaktion Books, 2011. P. 136-165.
- MACKIE, Erin. Rakes, highwaymen, and pirates: the making of the modern gentleman in the eighteenth century. JHU Press, 2009.
- MAXWELL, Kenneth. Democracia pirata. In: MAXWELL, Kenneth (Org.). *Chocolate, piratas e outros malandros: Ensaio Tropicais*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. P. 69-88.
- MOTT, Luiz R.B; SCOTT, R. Reviewed Work: *Sodomy and the Pirate Tradition: English Sea Rovers in the Seventeenth-Century Caribbean* by B.R. Burg. *Nieuwe West-Indische Gids / New West Indian Guide*. Caribe: v. 59, no. 3/4, P. 262–65. 1985.
- PARAVISINI-GEBERT, Lizabeth. Cross-Dressing on the Margins of Empire: Women Pirates and the Narrative of the Caribbean. In: *Women at Sea. Travel Writing and the Margins of Caribbean Discourse*. Ed. Paravisini-Gebert/ Ivette Romero-Cesareo. Houndsmills, Basingstoke: Palgrave, 2001. P. 59-97.
- PEARSALL, Sarah M. S. Gender. In: ARMITAGE, D.; BRADDICK, M. J. *The British Atlantic World, 1500-1800*. 2ª ed. Houndsmills, Basingstoke, Hampshire; New York: Palgrave Macmillan, 2009. p. 133-152.
- QUEIROZ, Camila. “MAKING HIS MEN BELIEVE HE WAS A DEVIL INCARNATE”: GÊNERO, HIDRARQUIA E MASCULINIDADE NA PIRATARIA MODERNA ATRAVÉS DE GENERAL HISTORY OF THE PYRATES (ATLÂNTICO, SÉCULO XVIII). 2024. Dissertação (Doutorado em História). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2024.
- REDIKER, Marcus. *Between the devil and the deep blue sea: merchant seamen, pirates and the Anglo-American maritime world, 1700 - 1750*. 1ª paperback ed., 15ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- REDIKER, Marcus. Rum, Sodomy, and the Lash: Piracy, Sexuality, and Masculine Identity. *Journal of Social History*. Oxford: v. 35, n. 1, p. 213–215, 1 set. 2001.
- REDIKER, Marcus. Villains of all nations: Atlantic pirates in the golden age. Beacon Press, 2004. ROSENTHAL, L. J. Cultural Studies and Pirate Studies: Straight on 'til Morning. *The Eighteenth Century*, v. 53, n. 3, p. 381–390, 2012.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.
- THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. Tradução Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- TURLEY, H. *Rum, sodomy, and the lash: piracy, sexuality, and masculine identity*. New York: New York University Press, 1999.

## NOTAS

<sup>i</sup> No original: “*In part there is a need to make Atlantic history more than simply imperial history in a new guise.*” (PEARSALL, 2009, p. 151)

<sup>ii</sup> No original: “*Adopting an Atlantic approach to the history of gender illuminates both the history of gender and the history of the British Atlantic world.*” (PEARSALL, 2009, p. 153)

<sup>iii</sup> No original: “*Tolerant attitudes toward homosexual behavior.*” (BURG, 1995, P. 41.)

<sup>iv</sup> No original: “*Solitary masturbation , fantasies , nocturnal sex dreams, and sex contact with members of the same sex are their alternatives.*” (Burg, 1995, P. 108)

<sup>v</sup> No original: “*The ratio between men with homosexual preferences and men participating in homosexual conduct in the absence of opportunities for heterosexual engagements or out of dissatisfaction with available solitary or nonsexual alternatives exerted considerable influence on rates of homosexual contact.*” (BURG, 1995, P. 111)

<sup>vi</sup> No original: “*Unlike academics in other disciplines who investigated homoerotic subjects, however , historians seemed to have little to work with . While anthropologists , sociologists , psychologists , and literary scholars had their field work, clinical investigations , or texts , the covert nature of homosexuality throughout much of the past apparently left*



historians bereft of sources . Research on homosexuality was also discouraged by senior scholars who advised their students that writing on so bizarre a phenomenon could doom their future prospects.” (BURG, 1995, P. XVII)

<sup>vii</sup> No original: “The desire of most historians to locate and provide context for homosexuality within the span of ordinary human experience was in part responsible for the reluctance. From the perspective of historians , it seemed that the homoerotic interactions of all-male convict and asylum populations were best left as the exclusive preserve of sociologists. In addition , concentrating on criminal or pathological populations was incompatible with the focus expected of “gay-affirmative” scholars who had come to dominate the history of homoeroticism.” (BURG, 1995, P. XXI)

<sup>viii</sup> No original: “I have instead set out to discover coherence in one small segment of human society , the strictly defined male group.” (BURG, 1995, P. XL)

<sup>ix</sup> A ideia de uma figura de pirata construída através da tradição literária desde o século XVII e que funde ficção e realidade não é exclusividade do trabalho de Turley, apesar de sua novidade no que toca às questões de gênero. Para além da literatura anglófona, os trabalhos de Nicássio Martins da Costa (2018) e Andrés Ulpiano Bajatta (2018) buscam compreender a construção da imagem desse pirata “clássico” através da literatura e mídia, sobretudo utilizando *A General History* como documentação principal. A grande característica de tais produções é abordar a pirataria e a imagem do pirata na literatura.

<sup>x</sup> No original: “The “piratical subject” is my term for the merging of the legally defined pirate—hostis humani generis or homo economicus—and the culturally revered pirate, a hypermasculine, transgressive, desiring subject. Through historical and fictional representations of the pirate, these two depictions merged into the antihero—the piratical subject—beloved by generations of readers.” (TURLEY, 1999, P. 24).

<sup>xi</sup> No original: “This paradoxical representation of pirate identity can illuminate our understanding of the early-eighteenth-century sodomite. Both pirate and sodomite are, in a sense, outlaws. However, the sodomite is a member of society—unlike the pirate, who self-consciously pulls himself out of society. The sodomite performs his transgressions in secret, afraid he will be discovered and ruined or, worse, condemned and executed. The sodomite is the feminized, efeminate sexual criminal. Blackbeard, too, is a criminal, but his crimes are explicitly economic. On the surface, Blackbeard’s sexuality is depicted as excessively masculine. His hypermasculinity precludes any suspicion that he might indulge in sodomy.” (TURLEY, 1999. P. 19-20).

<sup>xii</sup> Alguns anos depois, Marcus Rediker e Peter Linebaugh, embora não tenham adentrado diretamente em questões de gênero, trouxeram propostas próximas com sua obra *The Many Headed Hydra* (2000), ao analisar as formas como as classes populares da idade moderna eram capazes de construir visões de mundo singulares àquelas das classes dominantes, e cujas expressões podem ser vistas através da ação dos trabalhadores marítimos.

<sup>xiii</sup> Remete a ideia de um vínculo entre colegas piratas. Para mais, consultar QUEIROZ, Camila. “MAKING HIS MEN BELIEVE HE WAS A DEVIL INCARNATE”: GÊNERO, HIDRARQUIA E MASCULINIDADE NA PIRATARIA MODERNA ATRAVÉS DE GENERAL HISTORY OF THE PYRATES (ATLÂNTICO, SÉCULO XVIII). 2024. Dissertação (Mestrado em História). Centro de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2024.

<sup>xiv</sup> No original: “a variant form of sexual expression inherent in normal human behavior.” (MOTT, 1995, p. 265)

<sup>xv</sup> O texto de King faz parte do volume *Essays in Memory of Hans Turley* da revista *The Eighteenth Century*, dedicado à memória de Turley, que faleceu em 2008. Apesar da homenagem, com exceção do texto de Laura Rosenthal, que será apresentado adiante, a maioria dos artigos não trata de gênero, sexualidade e pirataria, por isso não são mencionados aqui. De qualquer maneira, a existência do dossiê atesta a relevância e o impacto da vida e obra de Turley.

<sup>xvi</sup> “First things first. The lurid title is misleading. Although the book contains a fair amount about sodomy, it has little, too little, about the lash, and, alas, nothing at all about the kill-devil rum.” (REDIKER, 2001, p. 213)

<sup>xvii</sup> No original: “[...] piracy was endemic to Renaissance culture: like storms and winds, it was one of the hazards of the sea.” (JOWITT, 2004, P. 8)

<sup>xviii</sup> De acordo com a autora: “What I want to consider in this essay, however, is Rum, Sodomy, and the Lash as a revealing example in the ongoing debate over cultural studies, an approach that has recently been under attack from more than one direction [...] want to suggest that returning to Rum, Sodomy, and the Lash can help demonstrate the continuing value of the admittedly loose set of practices that sail under this flag. Works like Rum, I will argue, remind us that cultural studies has been productive rather than destructive, and that in spite of its many points of vulnerability, it continues to hold potential for future work in the field.” (ROSENTHAL, 2012, P. 381-382)

<sup>xix</sup> No original: “Cultural studies opened up the possibility of exploring previously overlooked and in many cases despised objects. Turley was one of the pioneers of this kind of work in eighteen-century studies, a decision that brought him success, but also some challenges” (ROSENTHAL, 2012, P. 384-385).

